



Exílio Em Paris, em 1948, depois de ser proibido de exercer nos hospitais públicos por Salazar

## A criança e o mestre

João dos Santos, médico, psicanalista e pedagogo, decodificado por quem o conheceu, um século após o seu nascimento

POR CLARA SOARES

**O** segredo do homem é a própria infância.» A mensagem é de João dos Santos e está inscrita no seu busto, no jardim das Amoreiras, em Lisboa, a sua cidade-berço e cais de partida. Filho único, o pioneiro da saúde mental infantil desenvolveu com o pai, alfaiate com ideias republicanas, o gosto pelos passeios, remo, natação. Dele terá herdado a veia ativista, que cultivou até morrer, aos 74 anos. Formado em educação física e medicina, João dos Santos revolucionou a psiquiatria, que era apenas orientada para adultos. Feroz defensor da qualidade dos serviços públicos, lutava pelos direitos das crianças à saúde e à educação, sobretudo das que sofriam de perturbações emocionais e mentais. O seu lema era «ninguém ensina nada a ninguém, as pessoas é que aprendem» e sem estarem «calados e quietos», porque o corpo precisa de testar limites para ser autónomo.

De tudo isto falavam as suas crónicas no

*Jornal da Educação*, reeditadas em *Ensaios sobre Educação II*, livro dedicado «aos meus pais que me educaram» e «a meus filhos, que me criticaram». Luís, o mais novo dos quatro, perguntou-lhe um dia porque não escrevia «para as pessoas». O pai seguiu a pista e acentuou a importância dos afetos: «O saber aprende na relação humana.»

A tolerância e o amor firme eram qualidades cultivadas no seio familiar. «Quando tinha de dizer 'não', dizia-o e estava arruma-

**‘Tinha a virtude da simplicidade, o vício do prazer de existir, o sentido do sofrimento humano’**

ANTÓNIO COIMBRA DE MATOS, PSICANALISTA

do o assunto», assegura a filha, Paula Santos Lobo, pedagoga na Fundação Lucinda Atalaya, em Lisboa. O irmão, Luís Grijó dos Santos, engenheiro e a viver em Inglaterra desde os 18 anos, lembra um episódio dos seus tempos de escola, para melhor o descrever: «Insurgi-me contra o reitor, por ele ter agredido verbalmente um colega meu, e fui expulso do liceu (Padre António Vieira). Quando o informaram, o meu pai disse que tinha muito orgulho em mim por eu ser solidário com outro aluno.» Luís sente-se grato pelo apoio da figura paterna, que sempre protegeu a prole dos seus problemas. E não foram poucos. «A doença da minha mãe abalou-o muito; só então percebi que podia sofrer tanto como nós.» Depois, a morte do filho mais velho, também psiquiatra, aos 42 anos. E as vicissitudes associadas ao espírito antifascista. Chegou o dia em que, prestes a iniciar funções como assistente no Júlio de Matos, João dos Santos foi proibido, por um ministro de Salazar, de exercer nos hospitais públicos. «Ficou sem trabalho por ter assinado um pedido de eleições livres (na reunião do Movimento de Unidade Democrática – MUD, em 1945) e saiu de Portugal.» Paris seria a sua nova casa. O médico e psicólogo francês Henri Wallon convidou-o para trabalhar no Centro Nacional de Investiga-

ção Científica e, ao lado de investigadores e artistas famosos, abriu-se ao mundo da psicanálise. O tempo e a persistência deram corpo ao sonho e foi precisamente no Júlio de Matos que veio, mais tarde, a exercer e a ensinar. Até morrer, em 1987, produziu investigação e fundou o Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa (CSMIL), além de se envolver em muitas outras instituições.

### À bolina, sempre

João dos Santos permanece vivo no coração e na memória de muitos, como professor, colega e cidadão. António Coimbra de Matos, que com ele colaborou no CSMIL, considera-o um génio invulgar da cultura portuguesa e atribui-lhe «a virtude da simplicidade, o 'vício' do prazer de existir, a espontaneidade do gesto e a clareza da palavra, em prol do laço interpessoal íntimo e da dignidade de cada um». O psicanalista assinala, também, «o seu sentido do sofrimento humano e a repulsa pelo recurso ao confronto armado». Quando João Santos morreu, nas vésperas do 13.º aniversário da revolução de abril, a edição de *O Jornal* publicou uma homenagem ao mestre feita pelo psiquiatra José Gameiro que, na qualidade de ex-aluno, testemunhou uma ousadia salutar: «Recordo um seminário em que, de-



**Filhos** Paula Santos Lobo e Luís Grijó dos Santos pretendem republicar a obra do pai

pois de entrevistar o doente, o convidou a assistir à discussão clínica do seu próprio caso. A princípio, ficámos embaraçados, mas depois verificámos que, afinal, se podia falar de alguém na sua presença, sem que daí viesse grande mal ao mundo.» O professor e colega Emílio Salgueiro, que com ele praticou psicanálise, elogia-lhe o estilo de comunicação único: «Próximo, sem ser intrusivo, respeitava o silêncio e as especificidades do outro.» Evoca, igualmente, os tempos de França, em que João dos Santos «aprendeu a navegar à bolina», com uma ética que escasseia na pedopsiquiatria modernas, «mais voltadas para os métodos quantitativos e

para a farmacologia, com desprezo pelas qualidades do ser humano».

Maria Eugénia Branco estuda o que designa por «obra santiana» há mais de 20 anos e acaba de publicar um novo livro. Admite que são poucos os que, no meio académico, conhecem o fundador do paradigma científico de conectividade, centrado na criança. O mesmo que estudou com Egas Moniz, Sobral Cid e Barahona Fernandes e foi aceite como membro da International Psychoanalytical Association, através da princesa Maria Bonaparte, analisando de Freud. Por isso se mostra incansável na sua missão: «Urge que o estudo da sua obra faça parte dos currículos do ensino em Portugal.»

Clara Castilho, vice-presidente do Centro Doutor João dos Santos – Casa da Praia, destaca a confiança que o mentor depositou nela, quando já estava fragilizado fisicamente, para concluir os seus escritos. A psicóloga seguiu-lhe os passos na intervenção de apoio às famílias, ao implementar grupos de formação parental. E recorda, com ternura, o ambiente do jantar, em sua casa, com Agostinho da Silva e João dos Santos entre os convivas. «Fingindo-me só entregue aos deveres de anfitriã, bebia cada palavra daqueles dois homens fabulosos que, juntos, partiam com o pensamento à desfilada.» **v**